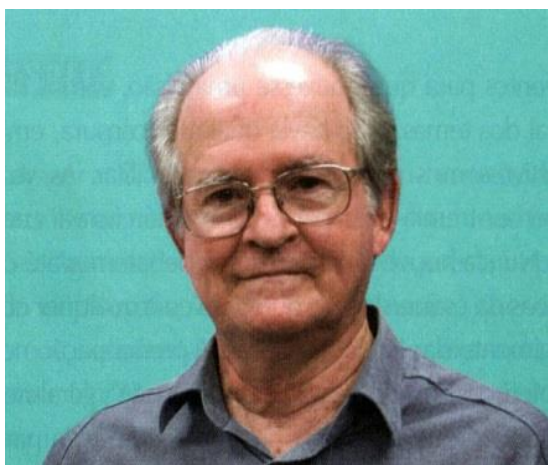


ENTREVISTA NO LIVRO “MEIO SÉCULO DEPOIS. TELEVISÃO PERNAMBUCANA. 1960-2010”,
ESCRITO POR JORGE JOSÉ B. DE SANTANA E PUBLICADO EM 2010

Textos escolhidos da entrevista. O autor omitiu as perguntas e publicou as respostas.

Promotor público, parapsicólogo e ensaísta, soube conciliar cultura e audiência entre consumidores da TV dos mais diversos níveis sociais. Assim foi o Valter que conheci no Canal-11 e que continua sendo simples na forma de expor pensamentos e defender ideias. Trabalhamos juntos na TV Universitária no final da década de 60 e durante o período que passei lá acompanhei de perto o bem-sucedido projeto televisivo. Colhi suas impressões sobre o que representou aquela época no dia 9 de outubro de 2007 nos estúdios da Estação Sat.



Promotor público, parapsicólogo e ensaísta, soube conciliar cultura e audiência entre consumidores da TV dos mais diversos níveis sociais. Assim foi o Valter que conheci no Canal-11 e que continua sendo simples na forma de expor pensamentos e defender ideias. Trabalhamos juntos na TV Universitária no final da década de 60 e durante o período que passei lá acompanhei de perto o bem-sucedido projeto televisivo. Colhi suas impressões sobre o que representou aquela época no dia 9 de outubro de 2007 nos estúdios da Estação Sat.

EXPERIÊNCIA GRATIFICANTE

Eu sou Valter Rodrigues da Rosa Borges, filho de Olímpio Sátiro da Rosa Borges e Maria Fernandina Rodrigues Borges, nascido em 15 de março de 1934 no bairro de São José, Recife-PE. Antes da TV Universitária eu era promotor público, o atual promotor de justiça. Fui convidado para fazer um programa de debates. Na ocasião, o nosso saudoso Mayerber de Carvalho disse: "Valter, 'O Grande Júri' é para três ou seis meses, porque o povo não está acostumado a esse tipo de programa de debate". Durou 14 anos, de 1968 a 1982. Mas a TV era mais um hobby, porque eu tinha o Ministério Público, ensinava direito civil na Universidade Católica e sociologia na Federal. Foi uma experiência muito gratificante trabalhar na primeira televisão educativa do Brasil. Até gente de São Paulo veio aprender conosco, porque lá não havia precedente.

A CAMINHADA

Estudei no Ginásio Pernambucano e na Escola Siqueira Campos, onde me submeti ao exame de admissão, que venci em primeiro lugar. Depois fui aluno dos colégios Oswaldo Cruz, Padre

Félix e Porto Carreiro, onde fundei o Grêmio Cultural Joaquim Nabuco. Era uma reunião de jovens que se dedicavam à literatura. Flávio Guerra e Andrade Lima escreveram dois artigos elogiando aquela turma jovem que se preocupava com literatura. Escrevi até um livro sobre o grêmio. Fiz concurso para promotor público porque não tinha vocação para advogado.

Passsei em sexto lugar. Minha primeira comarca foi Petrolândia - hoje submersa. Aqui fundei, em 1973, o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. Em 1978 fundei a primeira academia estadual de ciências do Brasil. Não sei se existe outra. Nessa época, eu estava fazendo o programa "O Grande Júri" e me aposentei como Procurador de Justiça. Agora estou totalmente dedicado a estudos, pesquisas e escrita de livros - tenho 16 títulos publicados e também um site. Quem quiser saber algo a meu respeito e obter livro gratuito é só entrar no meu site, no qual ofereço vários livros de graça. De todos os meus livros, prefiro "Meditações ao Entardecer", no qual procuro dizer muitas coisas em poucas palavras. Faço livros de aforismos, de máximas. O leitor, então, coloca dentro d'água e dissolve, porque ele mesmo vai fazer a decantação do tema, o desdobramento, vai refletir sobre aquilo. Tenho horror de ler um livro em que o autor escreve quinhentas páginas e, quando você espreme, vê que em cinco páginas caberia tudo aquilo.

SEM CENSURA

O programa "O Grande Júri" foi mágico. Procuramos debater assuntos variados com pessoas diferentes para que houvesse uma visão, vamos dizer, lateral dos temas. Não havia qualquer censura, embora estivéssemos em plena ditadura militar. As vezes, Mayerber tremia no sapato: "O IV Exército vai censurar". Nunca houve uma censura. E debatemos até com pessoas da esquerda sem que houvesse qualquer constrangimento das Forças Armadas. A preocupação nossa era oferecer um programa para a classe "A", geralmente abandonada pela TV, cuja programação é feita para o "povão". Nosso programa era de elite.

Mas, para minha surpresa, pessoas simples assistiam a ele. Era feito ao vivo, daí o sabor do programa. Errou, estava errado e acabou-se. Em certo programa um pastor entusiasmou-se e foi recuando a cadeira, colocada sobre um tablado. A cadeira caiu do tablado com ele e tudo.

Dr. Ivo Dantas, que estava no programa, aproveitou a ocasião para comentar: "Estão vendo? O pastor caiu sob o peso dos meus argumentos". Alguns temas iam além de um programa. Por exemplo, o julgamento da Bíblia durou cinco meses. Eu queria tirar esse debate do ar e não conseguia, pois as pessoas me cobravam sua permanência. E olha que não saímos do Velho Testamento... Outros temas se repetiram, como divórcio, eutanásia, aborto, temas tabus como adultério, prostituição. Eram assuntos que não tinham sido debatidos nas TVs comerciais. Eu fazia antes um histórico do tema, para que os debatedores se situassem, e o debate começava. Foi um programa que realmente marcou época na televisão pernambucana. Hoje existe toda uma tecnologia, mas eu não sei se temos a mesma qualidade da programação local daquela época, principal mente porque muitos programas de agora são importados do Sul, o que então não acontecia.

COLABORADORES

Várias personalidades do mundo intelectual participaram do programa: Vasconcelos Sobrinho, o ecólogo, o primeiro a denunciar a desertificação do Nordeste, cujo processo já estamos assistindo; Bezerra Coutinho; Pessoa de Moraes; Geraldo Mariz; José Rafael de Menezes; Antônio Rafael de Menezes; Ivo Dantas; Ivo Caruso. No meu livro "O Grande Júri" consta a relação de todas aquelas pessoas que participaram do programa.

O livro está à disposição no meu site. Quem quiser fazer o download dele basta enviar um e-mail e eu mandarei o arquivo. Quando o programa acabava, geralmente depois da meia-noite, continuávamos o debate na frente da TV Universitária, na rua já deserta. Mas naquela época não havia assalto nem sequestro. Eu chegava em casa à uma, uma e meia da manhã, por causa

da discussão que se prolongava fora do ar. O fim de "O Grande Júri" é uma página muito obscura.

O programa começou a ser sucateado em termos de horário: ora era às nove horas, ora às dez, uma maneira indireta de dizer: "Chega, se despeça!" Fiquei bastante aborrecido e cancelei o programa". Deveria ter havido uma atitude mais elegante de quem estava por trás de tudo aquilo: "Olha, Valter, está havendo uma pressão para você tirar o programa do ar", porque não teria problema nenhum. No final de um programa eu diria ao público que aquele era o último, que "O Grande Júri" já havia cumprido sua missão, agradeceria aos telespectadores e tudo bem. Mas como a coisa foi feita é que desgostou inclusive os telespectadores, que não foram avisados do fim súbito do programa, sem qualquer explicação da TV Universitária.

VISÃO CULTURAL AMPLA

Tivemos naquela época um grande idealista, que era o reitor Paulo Maciel. A proposta dele era que a TV-U fosse voltada para a comunidade, uma espécie de porta-voz da cultura nordestina. Murilo Guimarães teve essa ideia e Paulo Maciel a incentivou: "Olha, Valter, qualquer problema que você tiver lá, venha aqui".

Ele era realmente um reitor de visão cultural muito ampla. Via na TV Universitária um grande porta-voz da Universidade Federal de Pernambuco. Acho que o correto era fazer programas científicos com os professores da UFPE e de outras universidades, para dar um tom acadêmico aos temas abordados. Por exemplo, o meio ambiente seria hoje um assunto formidável para ser debatido de maneira multidisciplinar.

TRAUMA

Minha infância foi muito feliz. Isso me deu confiança nos outros, porque nunca tive trauma. Minha juventude também. Tive só um trauma de adulto, que foi a perda do meu filho, aos 4 anos de idade. Foi um momento de muito sofrimento. Mas daí em diante não tive mais problema. A gente constrói a própria felicidade.

AMIGOS

Amigos são aquelas pessoas com quem falamos como se fosse com nós mesmos. Temos muitos conhecidos, mas, amigos, temos muito poucos.

A MENTE HUMANA

Quando eu tinha meus 20 anos, li um livro de Francisco Cândido Xavier intitulado "Parnaso do Alecrim" e fiquei vivamente impressionado, porque esse livro teve a chancela de Humberto de Campos e Agripino Grieco, reconhecendo o estilo dos poetas psicografados por Chico Xavier. Monteiro Lobato disse: "Se Chico Xavier produziu todos esses poemas de sua própria lavra, esse homem não merece apenas um lugar na Academia Brasileira de Letras, mas todos os lugares". Então veja a importância desse livro. Ele me chamou a atenção para as aptidões da mente humana, estudada pela parapsicologia. Por isso, em 1973, eu fundei o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas - IPPP.

POESOFIA

Ao deixar a TV, preenchi meu tempo com estudo da mente humana e da filosofia. Um dos meus livros, o "Ser Agora e Sempre", um livro de poesia impregnado de filosofia, digamos de poesofia, que, aliás, não é novidade. Mário Quintana, por exemplo, era poeta e filósofo.

Fernando Pessoa também. Foi uma das minhas grandes alegrias ter esse livro premiado em primeiro lugar pela Academia Pernambucana de Letras.

MANTER A FORMA

Acho muito bom o movimento literário do Recife, embora não participe dele porque sou de temperamento monástico. Hoje a minha vida é na minha biblioteca e com meus amigos. E, como resido a 50 metros do Parque da Jaqueira, passeio por lá e faço musculação na AABB, para manter a forma aos 73 anos.

REVOLUÇÃO FEMININA

A mulher deve estar presente na comunicação e em tudo o mais. Tenho impressão de que haverá uma revolução feminina em países onde isso ainda não acontece, onde a mulher é reduzida à situação de mera dona de casa. Aliás, hoje 50% dos homens declararam que preferiam estar no lar. No lar se tem tudo hoje. Daqui a pouco inventam um robô que faz comida, lava prato (risos).

VISÃO DOS LEGISLADORES

Nossas leis são péssimas. Há uma mudança permanente na legislação e não houve melhoria na máquina judiciária. Os processos civis e penais ainda são verdadeiros mastodontes. Quer dizer, a Justiça ainda não está rápida como deveria, por causa de leis obsoletas e também da falta de uma estrutura melhor. Por exemplo, muitas coisas poderiam ser feitas por tele audiência, mas há muita resistência.

Para que deslocar o réu com todo um aparato policial quando ele poderia ser interrogado pelo juiz numa tele audiência? Falta criatividade e sobram péssimos legisladores. Lei não é para se mudar como a moda, como ocorre no Brasil. Os parlamentares legislam mal. Leis ordinárias são inseridas na Constituição. Por isso, em curto prazo, não vejo nenhuma melhoria da atividade judiciária.

SINTONIZADO COM O MUNDO

Acho que o passado foi bom, mas o presente também é. Queria eu nascer agora, com todo esse avanço tecnológico, passando conhecimento através de vários recursos. A internet, por exemplo, é o grande processo democrático, porque ali se diz o que se pensa, sem nenhuma censura, não se depende de ninguém para publicar livros. E o que eu faço hoje. Tiro somente cinquenta exemplares com uma pessoa amiga minha que faz isso, distribuo com os amigos e coloco na internet, essa grande vitrine do mundo.

REGRESSO

Acho que o passado foi bom, mas o presente também é. Queria eu nascer agora, com todo esse avanço tecnológico, passando conhecimento através de vários recursos. A internet, por exemplo, é o grande processo democrático, porque ali se diz o que se pensa, sem nenhuma censura, não se depende de ninguém para publicar livros. E o que eu faço hoje. Tiro somente cinquenta exemplares com uma pessoa amiga minha que faz isso, distribuo com os amigos e coloco na internet, essa grande vitrine do mundo.

DESEDUCAÇÃO NO BRASIL

Cristovam Buarque tinha razão quando esteve em "O Grande Júri" e ainda tem razão. A grande revolução de qualquer país é a educação. Veja o exemplo do Japão. Nós não investimos em educação, é só conversa fiada. Principalmente o ensino básico hoje é péssimo. Eu tive alunos que não sabiam nem escrever. Se eu fosse corrigir o português deles, seria uma catástrofe. Corrigia somente o assunto, direito civil, sociologia, porque eles cometiam erros de gramática inconcebíveis.

AS VARIÁVEIS

Eu não queria que os novos seguissem a minha carreira. Há outras mais importantes. O mundo da informática é importantíssimo, bem como o da engenharia, pois estamos na época das megaconstruções e precisamos de engenheiros altamente credenciados. Precisamos de juristas - hoje pouquíssimos. Precisamos de médicos, hoje em pequeno número para atender a grande população. Temos médicos e advogados dirigindo táxi por falta de oportunidade no mercado de trabalho. Tudo isso por culpa do governo, que não investe maciçamente na educação.

FAMÍLIA, TV E O PRESENTE

A família está hoje em processo de desagregação. O que as novelas exploram não deixa de ser verdade. Mas não se deve mostrar o lado mau somente, porque isso é, de certa forma, contribuir para que ele continue mais forte. Desisti de ver a televisão aberta porque tem programa que desanima. Prefiro ver a TV por assinatura, pois seleciono documentários, e filmes, que a gente não encontra na televisão comercial. Assisto a noticiários e programas de debate, quando existem. Não sou saudosista, mas "agorista". Vivo o agora. O passado é uma espécie de museu que a gente visita. Só se vive, basicamente, no presente.

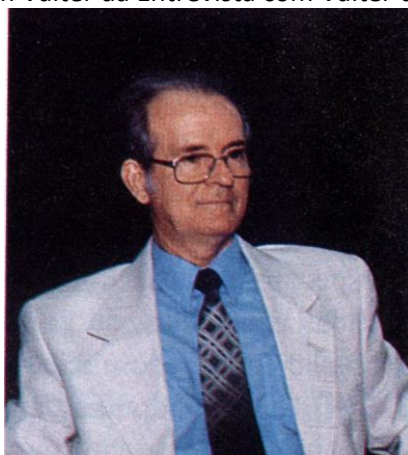
INFORMATIVO APC

Academia Pernambucana de Ciências

INFORMATIVO APC

Academia Pernambucana de Ciências

Entrevista com Valter da Entrevista com Valter da Rosa Borges



Entrevista com Valter da Entrevista com Valter da Rosa Borges

